Em Debate 05 (2007)
Rev. do Depto. de Serviço Social
PUC-Rio
http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br

Políticas Públicas e Conflito Moral:

a Igreja Católica e a camisinha[1]

Luís Corrêa Lima[2]

RESUMO:

As políticas públicas de prevenção à aids no Brasil esbarram na postura da Igreja Católica, que em alguns pontos cria barreiras e em outros até favorece a distribuição do preservativo. Este artigo pretende traçar uma breve história dos conflitos recentes e mostrar a evolução da posição da Igreja. Assim se podem abrir caminhos para um entendimento e para uma colaboração fecunda entre Igreja, governo e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: epidemia, aids, camisinha, moral, pecado.

Public Polices and Moral Conflict: The Catholic Church and Preservatives.

Abstract:

Public policies for prevention of Aids in Brazil collide with the posture of the Catholic Church, which creates obstacles in some points, and in other even favor the distribution of preservatives. This article intends to trace a brief history of the recent conflicts and show the evolution of the position of the church, thereby, ways for an agreement and prolific collaboration can be searched among the Church, government and society.

Keywords: epidemics, preservatives, moral, sin.

Tratar de políticas públicas de prevenção à aids no Brasil, implica em conhecer o discurso e a ação da Igreja Católica. Aí se cruza uma forte tradição de crenças milenares, estruturas mentais de longa duração, com novas questões trazidas pelos tempos modernos. Isto gera um campo de grandes contradições, conflitos e tensões, mas também de novos caminhos que se descortinam e de possíveis soluções. Na questão da prevenção da aids e do uso do preservativo, há um conflito histórico recente envolvendo, de um lado, o discurso de oposição da Igreja; e do outro, ONGs, Ministério da Saúde, profissionais empenhados no combate à aids e boa parte da opinião pública.

[1] Versão revista e aumentada de palestra feita no Seminário Religião e Aids, promovido pela ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids), em 19/10/2006, no Rio de Janeiro.
[2] Padre jesuíta, historiador e professor do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Este conflito teve um ápice em 2003 com as declarações do cardeal López Trujillo, do Pontifício Conselho para a Família, órgão do Vaticano[3]. Ele contestou o "sexo seguro", dizendo que a membrana da camisinha é permeável ao vírus da aids em 15 a 20% dos casos, sem contar as falhas por rompimento[4]. A resposta indignada do Ministério da Saúde foi que o látex não é permeável ao vírus, como mostra o microscópio eletrônico, e a camisinha corretamente utilizada só é ineficaz em menos de 5% dos casos. No mundo, a epidemia contamina um jovem a cada 14 segundos, somando 40 milhões de pessoas já infectadas, mais 20 milhões de mortos. Com este tipo de declaração, assevera, a Igreja presta um "desserviço" à humanidade[5].

Outros protestos surgiram nesta época, como um vídeo parcialmente exibido na Rede Globo, mostrando instrumentos de tortura da Inquisição e cenas brutais de cadáveres de vítimas do nazismo. Se a Igreja pediu perdão por barbáries e omissões do passado, argumentam, quanto tempo vai demorar para pedir perdão pelas vítimas da aids? Na campanha do preservativo no carnaval de 2004, o Ministério da Saúde indiretamente refutou o cardeal Trujillo ao escolher como *slogan* "Pela camisinha não passa nada. Use e confie".

O discurso da Igreja se fundamenta numa moral que quer santificar a união do homem e da mulher, repudiar a promiscuidade sexual, construir e valorizar a família. Rejeita o sexo fora do casamento e, por uma certa concepção de lei natural, só aceita o controle de natalidade por métodos naturais. Por isso condena as campanhas do preservativo sobretudo por prescindirem dos aspectos morais do seu uso. Será que estamos diante de dois grupos fatalmente opostos e mutuamente hostis?

Alguns esclarecimentos podem abrir caminhos. Desde o Concílio Vaticano II, nos anos 1960, a Igreja reconheceu a legítima autonomia da ciência. Portanto, a última palavra sobre questões científicas pertence aos cientistas. Se um religioso entrar neste campo, será avaliado pelos critérios da ciência. Ninguém tem obrigação de concordar com algo que não puder ser demonstrado de modo satisfatório.

A Igreja, entretanto, tem uma atuação que vai além do que comumente se conhece. Ela não se limita a enunciar ideais e princípios, mas se deixa interpelar pela realidade e procura dialogar em busca de soluções razoáveis. Por se tratar de uma instituição complexa, com mais de um bilhão de fiéis por todo o mundo e uma

---

[3] LIMA, Luís Corrêa, "A controvérsia da camisinha – a Igreja Católica diante da AIDS", *Revista eclesiástica brasileira* 254 (2004) 420-422.
[4] LÓPEZ TRUJILLO, Alfonso, entrevista à Rádio Vaticano, agência *Zenit* (6/11/2003), www.zenit.org .
[5] MINISTÉRIO DA SAÚDE, 15/10/2003, www.radiobras.gov.br/integras/03/integra_151003_03.htm .

inevitável pluralidade, este processo não é homogêneo e linear. Ele se faz em meio a avanços e recuos. Os bispos e suas conferências em cada país, as reflexões dos teólogos, os diversos movimentos e organizações pastorais exercem um papel importante; e a consciência dos fiéis, um papel insubstituível.

Já nos anos 1980, os bispos norte-americanos reconheceram que, dado o pluralismo da sociedade, muitos vêem a sexualidade humana de um modo diferente da Igreja Católica. Por isso, os programas de educação pública poderiam incluir uma "rigorosa informação sobre as medidas profiláticas", incluindo o chamado "sexo seguro"[6]. Nos anos 1990, os bispos franceses disseram que pessoas em situação de risco não devem acrescentar um mal a outro mal, ou seja, a contaminação ao risco. O preservativo deve ser usado "nos casos em que uma atividade sexual já integrada à personalidade necessita evitar um risco grave"[7]. Pronunciamentos como estes sempre são precedidos de uma ampla exposição da moral cristã e da condenação da banalização do ato sexual. O preservativo é aceito apenas como último recurso para se evitar um mal maior.

Um bispo francês escreveu no jornal do Vaticano, *Osservatore Romano*, um artigo nesta mesma linha: "Pode-se compreender o motivo que leva autoridades de saúde a distribuírem profiláticos [camisinhas] a prostitutas e a seus clientes. Porém, a prevenção do HIV/AIDS deve ser mais do que isto; deve atingir um outro nível e atacar as verdadeiras razões sociais, econômicas, políticas e morais da epidemia"[8]. O cardeal belga Godfried Daneels chegou a dizer que se um portador do vírus tem relações sexuais com seu parceiro, há obrigação de se usar camisinha. Caso contrário, peca-se contra o mandamento de não matar.

Em 1999, foi criada junto à CNBB a Pastoral de DST/Aids para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. No ano seguinte, ela distribuiu um folheto em paróquias de todo o país lembrando que, para conter o avanço da aids, "as recomendações da medicina são: evitar o uso comum de seringas; evitar relações sexuais sem preservativo; e evitar transfusões sem conhecer a procedência do sangue". No Brasil, cerca de 150 entidades católicas se dedicam à prevenção da aids e à

---

[6] "Mensagem dos Bispos Americanos sobre a Aids", *Sedoc* 208 (1988) 697.
[7] "L'Eglise catholique lève le tabou du préservatif", 3/2/1996, www.christusrex.org/www1/news-old/fs2-13-96.html .
[8] SUAUDEAU, Jacques, "Prophylactics or family values? Stopping the spread of HIV/AIDS", *L'osservatore romano* (19/4/2000) 9-10.

assistência aos portadores do vírus e aos doentes. A obra inclui a distribuição do preservativo[9], bem como o esclarecimento sobre a importância de sua utilização.

[9] BIANCARELLI, Aureliano, “Católicos adotam realismo contra a Aids”, Folha de São Paulo (19/10/2002) Cotidiano.

Cartaz da Pastoral de DST/AIDS – CNBB – Região Norte
(http://www.pastoralaids.org.br/materiais_aguas.php)

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS) elogia o trabalho destas entidades, destacando a sua compaixão e a sua solidariedade. Em todo o mundo, estima-se que 25% das organizações humanitárias dedicadas aos portadores de vírus são ligadas à Igreja Católica[10]. Em 2001, os jesuítas da África lançaram uma campanha em favor do uso da camisinha sob o lema: "A Aids mata, protege-te e protege aos demais"[11]. Há dois anos, outro cardeal do Vaticano entrou no debate: o conselheiro teológico particular do papa, Georges Cottier, da Casa Pontifícia. Ele declarou que em algumas circunstâncias o uso da camisinha é legítimo, sobretudo em epidemias generalizadas e devastadoras, como é o caso da África. Aí vale o mandamento de "não matar" e se deve respeitar a defesa da vida acima de tudo[12].

Com relação aos últimos papas, podem-se notar algumas mudanças no tratamento pastoral da sexualidade. Nos anos 1980, tiveram início as Jornadas Mundiais da Juventude, mega-encontros de oração e celebração do papa com os jovens. Em 1987, João Paulo II se reuniu com cem mil jovens no Estádio Nacional de Santiago, no Chile, em plena ditadura de Pinochet. Animado com a multidão, o papa lhes perguntou em bom castelhano: "vocês renunciam aos demônios da avareza?". A resposta foi um estrondoso: "sim!". Entusiasmado, ele lhes fez outra pergunta: "vocês renunciam aos demônios da violência?" Ouviu-se uma ensurdecedora resposta: "sim!". Então, o papa lhes perguntou: "vocês renunciam aos demônios do sexo? A resposta foi um categórico: "não!"[13]

As Jornadas Mundiais da Juventude continuam até hoje com encontros bienais, cada vez em um país diferente, e reúnem mais de um milhão de pessoas. Entretanto, depois daquele episódio de Santiago, Wojtyla mudou o discurso aos jovens. Falou-lhes da necessidade de se ter um sentido para a vida, da importância da espiritualidade, da grandeza da vida em Cristo e dos valores cristãos. Um discurso que não mais martelava em certos pontos da moral sexual. Nestes encontros que duram alguns dias, convém ressaltar, vendem-se todas as camisinhas disponíveis no comércio local. Fizeram-se

---

[10] "ONU reconhece trabalho da Igreja na prevenção e luta contra aids", agência *Zenit* (7/2/2006), www.zenit.org .

[11] "Jesuítas lançam campanha em favor do uso da camisinha em África", agência *Adital* (26/6/2001), www.adital.com.br .

[12] "Card.Cottier: uso del condom in taluni casi e' legittimo", agência Apcom (29/1/2005), www.nuovaproposta.it/Articoli%20di%20Stampa/Cottier.htm#1 .

[13] DORFMAN, Ariel, "Los cinco minutos de Juan Pablo II" (5/4/2005), www.pagina12.com.ar/diario/contratapa/13-49401.html .

pesquisas de opinião com estes jovens sobre questões de sexualidade. Há poucos anos, ainda no tempo de João Paulo II, um jornalista perguntou a uma jovem se ela não se incomodava com o pensamento do papa neste assunto, visto que suas posições divergem da grande maioria da juventude. Ela respondeu com tranqüilidade: "o papa gosta da gente e não fica gritando para a gente não usar camisinha".

Temos aí um exemplo do modo como bases da Igreja assimilam o ensinamento da cúpula, com rejeições, adaptações e ressignificações. E também como a própria cúpula se adapta e, até certo ponto, faz concessões.

E o atual papa, Bento XVI? O antigo prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, por sua severidade, chegou a ser apelidado pela mídia de "cardeal panzer" e de "rottweiler de Deus". Ele agora tem que lidar com estas questões como papa. A sua viagem à Alemanha em setembro de 2006 acabou marcada por uma enorme polêmica com o islamismo. Entretanto, ele deu uma importante entrevista à televisão alemã poucas semanas antes. Aí encontramos elementos muito valiosos para a vida da Igreja e para o diálogo com a sociedade contemporânea. Eles não devem cair no esquecimento.

O papa tratou de sua visita à Espanha e de temas polêmicos. O padre von Gemmingen, da Rádio Vaticano, disse a Bento XVI que em Valença, no Encontro Mundial das Famílias, ele não fez nenhuma referência às uniões homossexuais, nem tratou de aborto ou de contracepção. A conclusão dos observadores é de que a intenção do pontífice é anunciar a fé e não girar o mundo como "apóstolo da moral". E perguntou o que ele pensava desta avaliação.

Com um sorriso aberto, o papa respondeu que na ocasião dispunha de pouco tempo para falar e, nessas condições, não se deve começar dizendo "não". É preciso afirmar o que se quer. E acrescentou: o cristianismo, incluindo o catolicismo, "não é um conjunto de proibições, mas uma opção positiva. E é muito importante que evidenciemos isso novamente, porque essa consciência, hoje, desapareceu quase que completamente"[14].

Na época, alguns vaticanistas notaram um tom moderado no discurso de Bento XVI em questões morais que contrastava com o de seu antecessor, bem como com suas próprias posições quando atuava na Cúria Romana sob as ordens de outrem. Todavia, muitos ainda o vêem como intransigente e tudo interpretam sob este prisma distorcivo.

---

[14] BENTO XVI, entrevista em previsão de sua viagem à Baviera, agência *Zenit* (16/8/2007), www.zenit.org .

No ano passado, ao receber uma delegação de bispos africanos, ele afirmou que o ensinamento tradicional da Igreja é o único caminho intrinsecamente seguro para se evitar o HIV. E alertou para o perigo de uma mentalidade antinatalista[15]. Difundiu-se então a notícia de que o papa havia condenado a camisinha[16]. Ora, defender uma conduta sexual baseada no autodomínio e na fidelidade não é opor-se totalmente ao preservativo. Mesmo na Espanha, quando o papa afirmou o valor central da família fundada sobre o "matrimônio indissolúvel entre um homem e uma mulher"[17], alguns entenderam como uma condenação do casamento gay. Ora, exaltar a união heterossexual não significa exortar uma pessoa homossexual a se casar com alguém de outro sexo. Até porque, para o direito eclesiástico, este matrimônio é nulo.

Isto não significa que a moral da Igreja mudou, mas que se apontou para uma nova postura, um outro tipo de convivência com a sociedade secular. A entrevista de Bento XVI sugere ainda mais questões: o que fez o catolicismo ser visto hoje como um conjunto de proibições? Por que a consciência de que ele é uma opção positiva quase desapareceu?

Há no cristianismo uma tradição multissecular de proibição, medo e culpa. Um importante historiador fala de uma "pastoral do medo", ou seja, o recurso a proibições e ameaças para se obter a conversão. Mas não só no passado distante. Também no presente, alguns segmentos do catolicismo interpretam a doutrina da maneira mais restritiva e condenatória possível, com obsessão pelo pecado, sobretudo em relação a sexo. E para isso usam insistentemente o púlpito e a mídia.

É daí que vem a oposição intransigente à camisinha. Para estes ultraconservadores, 'o pecado mortal' de quem faz sexo fora do casamento é mais grave do que o contágio do HIV. Pior do que morrer de aids é ir para o inferno. Eles vêem por toda parte demônios e inimigos de Cristo, ativos e atentos. No carnaval, chegam ao cúmulo de alertarem para a ira divina na iminência de fulminar a cidade com uma catástrofe, por causa de sua licenciosidade. O resultado acaba sendo o descrédito e o afastamento de pessoas lúcidas, bem como o desnecessário tormento de tantas consciências. Gasta-se uma enorme energia inutilmente, perde-se o foco de tantas coisas importantes e muitas chances de se fazer o bem.

---

[15] BENTO XVI, "Ai vescovi di sud áfrica..." (10/6/2005), www.vatican.va .
[16] "Papa defende castidade e condena uso de camisinha", *O Globo* (11/6/2005) 2.
[17] BENTO XVI, Encerramento do V Encontro Mundial das Famílias (9/7/2006), www.vatican.va .

Um novo caminho parece se abrir. Mesmo as declarações polêmicas do cardeal Trujillo trazem uma questão importante. Perguntado sobre o que a Igreja recomenda na luta contra a Aids, ele propôs, entre outras coisas, que a embalagem do preservativo e a sua publicidade incluam uma advertência sobre o risco, como é feito com o cigarro[18]. Este ponto é relevante. Em outros países, há folhetos dizendo: "Você não pega aids por via sexual se viver em abstinência ou se tiver relações com uma pessoa não-contaminada. Em outros casos, existe risco e a camisinha o reduz bastante". No Brasil, a propaganda na televisão tem se limitado a: "use camisinha". Por que não esclarecer a população? Será que falta coragem? Por que o medo de restringir o prazer diante de uma ameaça tão séria? Será que no lugar do antigo tabu da virgindade não foi construído um novo tabu: o do prazer, no qual ninguém pode tocar?

Conhecer a complexidade da posição da Igreja e suas contradições ajuda na luta contra a aids. Há um nível do seu discurso e ação que aceitam o preservativo em certas circunstâncias. Até mesmo dizer que a propaganda da camisinha deva conter advertências, implica em aceitá-la, ainda que com severas restrições. É pena que, na época, a porosidade da membrana tenha polarizado todo o debate, excluindo o resto. Protestos impetuosos contra uma declaração equivocada podem transmitir uma imagem da Igreja de intransigência total, que não é verdadeira e nem ajuda ninguém. Neste caso, a crítica generalizante acaba favorecendo as posições ultraconservadoras dos que são intransigentes. O mais sensato é matizar e esclarecer.

Resta ainda um problema. Os protestos da CNBB contra a difusão da camisinha têm sido taxativos, sem margem de negociação[19]. Por meio deles, não se conhece a flexibilidade das posturas católicas, como a dos bispos norte-americanos e franceses, e nem a ação da Pastoral DST/Aids da própria CNBB. Isto inibe muitas políticas públicas locais. Segundo Dráuzio Varella, diversos postos de saúde dispõem de preservativos, mas estes não chegam às mãos dos que mais necessitam: os mais pobres, os jovens, os que moram longe, os usuários de droga e os profissionais do sexo. Estes postos aguardam os interessados virem buscá-los. A razão é que os políticos não querem confronto com a Igreja. O prefeito não vai se indispor com o bispo. Com isto se dificulta

[18] LÓPEZ TRUJILLO, o.c.
[19] LLANO CIFUENTES, Rafael, "Nota da Comissão Vida e Família sobre uso dos preservativos" (10/3/2007), www.cnbb.org.br .

o acesso dos brasileiros à camisinha, em plena epidemia de uma doença sexualmente transmissível e incurável[20].

Não obstante este sério problema, há importantes pontos de convergência entre a Igreja e a sociedade. Se o discurso proibitivo de fato declinar, conforme aquela entrevista de Bento XVI, o diálogo e a colaboração certamente serão muito fecundos. Oxalá Deus nos liberte do ranço moralista, este grande empecilho, e nos ajude a preservar a vida, que afinal é um valor para todos.

[20] VARELLA, Dráuzio, "O crime da camisinha", *Folha de S. Paulo* (17/3/2007) p. E8.

BIBLIOGRAFIA:

BENTO XVI, entrevista em previsão de sua viagem à Baviera, agência *Zenit* (16/8/2007), www.zenit.org .

____, "Ai vescovi di sud áfrica..." (10/6/2005), www.vatican.va .

____, Encerramento do V Encontro Mundial das Famílias (9/7/2006), www.vatican.va .

BIANCARELLI, Aureliano, "Católicos adotam realismo contra a Aids", *Folha de São Paulo* (19/10/2002) Cotidiano.

"Card.Cottier: uso del condom in taluni casi e' legittimo", agência *Apcom* (29/1/2005), www.nuovaproposta.it/Articoli%20di%20Stampa/Cottier.htm#1 .

DORFMAN, Ariel, "Los cinco minutos de Juan Pablo II" (5/4/2005), www.pagina12.com.ar/diario/contratapa/13-49401.html .

"Jesuítas lançam campanha em favor do uso da camisinha em África", agência *Adital* (26/6/2001), www.adital.com.br .

LIMA, Luís Corrêa, "A controvérsia da camisinha – a Igreja Católica diante da AIDS", *Revista eclesiástica brasileira* 254 (2004) 420-422.

LLANO CIFUENTES, Rafael,, "Nota da Comissão Vida e Família sobre uso dos preservativos" (10/3/2007), www.cnbb.org.br .

"L'Eglise catholique lève le tabou du préservatif", 3/2/1996, www.christusrex.org/www1/news-old/fs2-13-96.html .

LÓPEZ TRUJILLO, Alfonso, entrevista à Rádio Vaticano, agência *Zenit* (6/11/2003), www.zenit.org .

"Mensagem dos Bispos Americanos sobre a Aids", *Sedoc* 208 (1988) 697.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 15/10/2003, www.radiobras.gov.br/integras/03/integra_151003_03.htm .

"ONU reconhece trabalho da Igreja na prevenção e luta contra aids", agência *Zenit* (7/2/2006), www.zenit.org .

"Papa defende castidade e condena uso de camisinha", *O Globo* (11/6/2005) 2.

SUAUDEAU, Jacques, "Prophylactics or family values? Stopping the spread of HIV/AIDS", *L'osservatore romano* (19/4/2000) 9-10.

VARELLA, Dráuzio, "O crime da camisinha", *Folha de S. Paulo* (17/3/2007) p. E8.